EDUARDO FRAJDRACH TEIXEIRA

UMA ANÁLISE DO COMÉRCIO BILATERAL BRASIL – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA ENTRE 2000 E 2022

SÃO PAULO

2024

ENTREGA FINAL TCC II

UMA ANÁLISE DO COMÉRCIO BILATERAL BRASIL – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA ENTRE 2000 E 2022

PROFESSOR ORIENTADOR:
FERNANDO RIBEIRO LEITE NETO

SÃO PAULO
GRADUAÇÃO EM ECONOMIA
2024

RESUMO

Este trabalho investiga as transformações nas relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos ao longo do período de 2000 a 2022, contexto no qual as economias globais se ajustaram a novos paradigmas de produção e consumo, influenciados pela evolução das suas políticas comerciais. O estudo aborda como a intensificação desse comércio influenciou a especialização produtiva brasileira, com foco tanto em commodities quanto em produtos de maior sofisticação tecnológica, impactando a estrutura econômica do país.

O objetivo principal é analisar os padrões de comércio entre Brasil e Estados Unidos, observando os elementos que moldaram essa relação. Pretende-se compreender o impacto dessa dinâmica nas capacidades de desenvolvimento de longo prazo do Brasil, destacando o equilíbrio entre exportações de commodities e produtos de maior valor agregado.

Para alcançar tal fim, utilizou-se uma metodologia descritiva com análise de dados secundários provenientes de fontes confiáveis e públicas, como relatórios governamentais e dados de instituições internacionais, que permitiram uma revisão do volume e da natureza do comércio bilateral.

Palavras-Chave: Comércio Bilateral, Brasil-EUA, Commodities, Valor Agregado, Política Comercial

ABSTRACT

This paper investigates the transformations in trade relations between Brazil and the United States over the period from 2000 to 2022, a context in which global economies adjusted to new production and consumption paradigms, influenced by the evolution of their trade policies. The study addresses how the intensification of this trade has influenced Brazil's productive specialization, focusing on both commodities and more technologically sophisticated products, impacting the country's economic structure.

The main objective is to analyze the trade patterns between Brazil and the United States, observing the elements that have shaped this relationship. The aim is to understand the impact of this dynamic on Brazil's long-term development capabilities, highlighting the balance between exports of commodities and higher value-added products.

To achieve this, a descriptive methodology was used, with an analysis of secondary data from reliable and public sources, such as government reports and data from international institutions, which allowed a review of the volume and nature of bilateral trade.

Keywords: Bilateral Trade, Brazil-USA, Commodities, Value Added, Trade Policies

Sumário

1. Introdução *5*

2. Metodologia *6*

3. Revisão da Literatura *8*

4. Panorama dos anos 2000 no Comércio EUA-Brasil *11*

5. Boom das Commodities, Crise de 2008 e Ascenção da China *14*

6. Os Efeitos e Impactos da Pandemia de Covid-19 no Comércio EUA-Brasil *18*

7. Conclusão *21*

8. Bibliografia *25*

1. Introdução

As relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos têm uma longa história, remontando à independência do Brasil em 1822. Ao longo dos anos, os Estados Unidos se estabeleceram como um dos mais importantes parceiros comerciais do Brasil, desempenhando um papel central no desenvolvimento econômico do país. No entanto, essas relações passaram por significativas transformações ao longo das décadas, especialmente com a ascensão de novas potências econômicas globais, como a China, que se tornou o principal destino das exportações brasileiras nos últimos anos.

A escolha do tema deste trabalho decorre da importância de compreender essas mudanças e de analisar a evolução das relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos em um período de grande transformação econômica global. Entre os anos 2000 e 2022, o comércio internacional foi impactado por diversos fatores, como a crise financeira de 2008, a ascensão econômica da China e, mais recentemente, os efeitos da pandemia de COVID-19. Analisar esses fatores e suas consequências sobre o comércio bilateral entre as duas nações é fundamental para compreender a dinâmica atual e as possíveis tendências futuras desse relacionamento.

A relevância deste estudo está no fato de que os Estados Unidos, apesar da crescente importância da China, ainda representam uma parcela significativa das exportações brasileiras, principalmente em setores de alta tecnologia, como a indústria aeronáutica. Além disso, o comércio com os Estados Unidos é uma janela para a inserção do Brasil em cadeias globais de valor, fornecendo produtos de maior sofisticação tecnológica e absorvendo insumos e bens de alto valor agregado.

Portanto, este trabalho visa analisar os padrões de comércio entre Brasil e Estados Unidos, com especial atenção para os elementos que influenciaram a especialização produtiva brasileira e o equilíbrio entre exportações de commodities e produtos de maior valor agregado. Para tanto, será utilizada uma metodologia descritiva, com base em dados secundários provenientes de fontes confiáveis, como relatórios governamentais e dados de instituições internacionais. Espera-se que os resultados contribuam para uma melhor compreensão das dinâmicas comerciais entre as duas nações e para a formulação de políticas públicas voltadas à diversificação e ao aumento do valor agregado das exportações brasileiras.

2. Metodologia

Este trabalho adota uma abordagem descritiva e exploratória, com o objetivo de analisar a evolução do comércio bilateral entre Brasil e Estados Unidos entre os anos de 2000 e 2022. A opção por esse tipo de metodologia se justifica pela natureza do objeto de estudo, que envolve o exame de padrões históricos, conjunturas econômicas e variações estruturais no comércio exterior ao longo de duas décadas marcadas por eventos econômicos relevantes, como o boom das commodities, a crise financeira global de 2008, a ascensão da China e os impactos da pandemia de Covid-19.

A pesquisa baseia-se em dados secundários extraídos de fontes públicas e reconhecidas pela confiabilidade e abrangência. Entre as principais bases utilizadas estão o Ministério da Economia do Brasil (por meio da Secretaria de Comércio Exterior – SECEX), o World Bank, o USDA Market News e bases internacionais como a UN COMTRADE e o Index Mundi. A seleção dessas fontes visou garantir a comparabilidade temporal dos dados e a robustez das séries analisadas.

Os dados coletados referem-se a indicadores de comércio exterior, como valores anuais de exportações e importações entre Brasil e Estados Unidos, saldos comerciais, participação percentual no total das trocas internacionais brasileiras, bem como os preços internacionais de commodities estratégicas (soja, petróleo e minério de ferro). Para fins de organização, os dados foram tratados em planilhas eletrônicas e apresentados em forma de gráficos e tabelas, permitindo uma análise visual e quantitativa das tendências observadas ao longo do período estudado.

Além da análise quantitativa, o trabalho incorpora elementos qualitativos, por meio da revisão de literatura especializada, que serve para contextualizar os dados empíricos e fornecer uma interpretação crítica dos resultados. Foram selecionados estudos recentes sobre o comércio bilateral Brasil-EUA, com atenção especial à especialização produtiva brasileira, à evolução da pauta exportadora e aos impactos de eventos globais nas trocas comerciais.

A estrutura da análise está dividida em três eixos temporais principais: (i) os anos iniciais da década de 2000, marcados por mudanças na balança comercial; (ii) o período entre 2008 e 2015, com destaque para a crise financeira e o fortalecimento da China como destino das exportações brasileiras; e (iii) o período recente, entre 2020 e 2022, com foco nos impactos da pandemia de Covid-19. Cada um desses momentos é analisado com base em indicadores comerciais e em gráficos elaborados pelo autor a partir das bases oficiais consultadas.

Por fim, esta metodologia busca oferecer um retrato claro e fundamentado das transformações nas relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos, a partir de uma perspectiva empírica, histórica e crítica, contribuindo para reflexões sobre os desafios e oportunidades do Brasil na inserção internacional contemporânea.

3. Revisão da Literatura

- **Oliveira, Samuel Santos de; Hermida, Camila do Carmo (2021). "Brasil e Estados Unidos: Uma Análise do Comércio Internacional e Bilateral no Período 2005-2016"**

Este artigo examina as relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos durante o período de 2005 a 2016, enfatizando as transformações na pauta de exportações e importações entre os dois países. A análise central está voltada para a diferença entre os padrões de especialização comercial, destacando que, apesar da queda relativa na participação dos Estados Unidos no comércio exterior brasileiro, o país continua a ser um parceiro importante, principalmente em setores de alta tecnologia, como o setor aeronáutico.

Os autores utilizam dados estatísticos da base COMTRADE para avaliar a pauta de exportações brasileiras, identificando que as exportações para os Estados Unidos contêm produtos com maior valor tecnológico em comparação com os exportados para o restante do mundo. O estudo também destaca que, enquanto o Brasil se especializa em produtos de baixa intensidade tecnológica no cenário global, suas exportações para os Estados Unidos apresentam um grau mais elevado de sofisticação. Além disso, o artigo aponta para uma tendência de concentração das exportações brasileiras, especialmente em commodities, e uma perda gradual de relevância do mercado americano devido à ascensão da China como principal parceira comercial do Brasil.

- **Moisés, Marina Mariana (2023). "Análise sobre o Padrão de Comércio Bilateral Brasil-EUA 2010 a 2023"**

Este estudo analisa o comércio bilateral entre Brasil e Estados Unidos de 2010 a 2023, focando nas mudanças estruturais ocorridas ao longo do período. A pesquisa examina as principais mercadorias exportadas e importadas entre os dois países, com ênfase em produtos agrícolas, petróleo e bens de alta tecnologia. O artigo aponta que, enquanto o Brasil mantém um padrão de exportação baseado em commodities, o mercado americano continua a demandar produtos de maior valor agregado, como maquinário e aeronaves.

Além disso, o artigo explora o impacto de políticas comerciais e mudanças globais, como a guerra comercial entre Estados Unidos e China, que abriu novas oportunidades para o Brasil. A autora utiliza uma metodologia descritiva para analisar dados de comércio, mostrando como a relação comercial evoluiu em resposta a esses eventos. Conclui que há espaço para um aumento na diversificação da pauta exportadora brasileira e aponta para possíveis estratégias que o Brasil poderia adotar para melhorar sua competitividade no comércio com os Estados Unidos.

- **Pereira, Carlos Augusto (2019). "Comércio Bilateral do Brasil e Estados Unidos entre 1997 e 2019"**

Este artigo apresenta uma análise abrangente do comércio bilateral entre Brasil e Estados Unidos durante o período de 1997 a 2019. Pereira explora como as mudanças na economia global, como a crise financeira de 2008 e a ascensão da China, impactaram o fluxo comercial entre os dois países. O estudo aponta que, apesar dessas mudanças, os Estados Unidos continuam sendo um dos principais parceiros comerciais do Brasil, especialmente em produtos de alta tecnologia e setores industriais.

A pesquisa utiliza dados de comércio bilateral de bases internacionais e avalia a evolução dos principais produtos exportados e importados entre os dois países. O artigo destaca que, embora as exportações brasileiras para os Estados Unidos tenham se concentrado em commodities como petróleo e soja, há uma demanda crescente por produtos mais sofisticados. Pereira também discute a necessidade de políticas públicas que incentivem o aumento do valor agregado das exportações brasileiras, visando equilibrar a balança comercial com os Estados Unidos.

- **Moura, Eduardo; Souza, Carolina (2015). "As Relações Comerciais entre Brasil e Estados Unidos no Período 2000-2014"**

Este artigo foca nas relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos no período de 2000 a 2014, com ênfase na evolução da pauta de exportações e importações ao longo do tempo. Moura e Souza analisam como a inserção do Brasil nas cadeias globais de valor e a especialização em commodities impactaram a relação comercial com os Estados Unidos. O artigo também avalia o impacto de eventos globais, como a crise financeira de 2008, que reduziu significativamente o volume de comércio entre os dois países.

Os autores utilizam uma abordagem quantitativa baseada em dados de fontes internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), e apresentam uma análise comparativa entre o comércio brasileiro com os Estados Unidos e com outros parceiros importantes, como a China. O estudo conclui que o Brasil mantém um padrão de especialização produtiva baseado em commodities, o que limita seu crescimento em setores de maior valor agregado no comércio com os Estados Unidos.

- **Relação entre os trabalhos apresentados e possíveis análises**

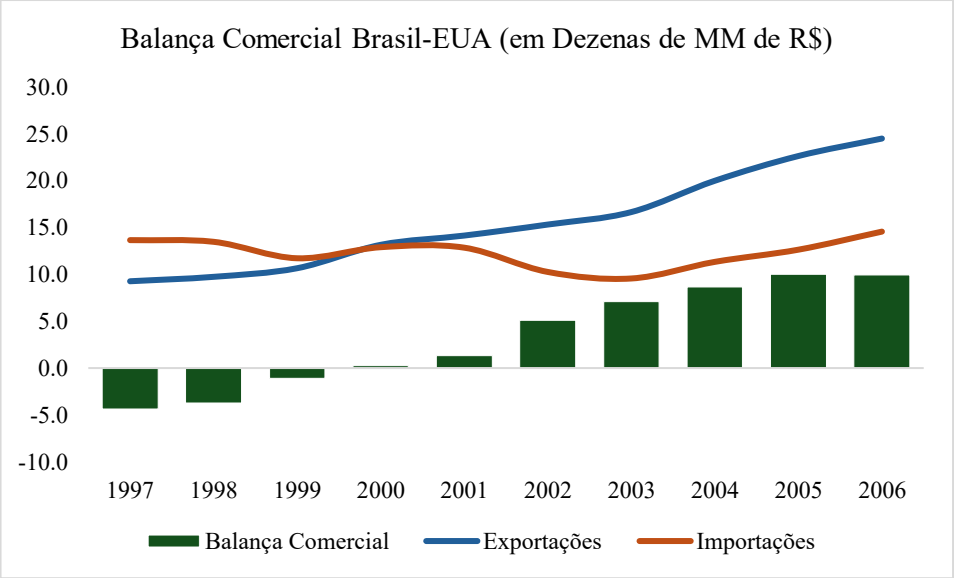
Os estudos revisados apresentam uma visão coesa sobre a evolução das relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos, com destaque para a especialização produtiva do Brasil em commodities e a demanda americana por produtos de maior valor agregado. Oliveira e Hermida (2021) enfatizam a concentração de exportações brasileiras em produtos de baixa intensidade tecnológica, enquanto o estudo de Pereira (2019) aborda como a crise financeira de 2008 e a ascensão da China influenciaram a dinâmica desse comércio. Essas observações complementam o trabalho de Moisés (2023), que explora o impacto de eventos globais recentes, como a guerra comercial entre EUA e China, sugerindo novas oportunidades para o Brasil. Juntos, esses estudos fornecem um panorama das transformações no comércio bilateral, indicando que o Brasil precisa investir em diversificação para melhorar sua posição no mercado americano. Para complementar essa análise, pode-se examinar os tipos ou categorias de produtos predominantemente transacionados no início dos anos 2000 e compará-los com o panorama de 2022, a fim de levantar hipóteses sobre as possíveis causas dessas mudanças.

Essas conexões oferecem uma base sólida para a análise do trabalho, uma vez que permitem identificar tendências comuns e lacunas no entendimento das relações comerciais Brasil-EUA. A partir dessa fundamentação teórica, é possível explorar mais profundamente as implicações dessas transformações, especialmente no que diz respeito às oportunidades de diversificação e à inserção do Brasil em cadeias globais de valor.

4. Panorama dos anos 2000 no Comércio EUA-Brasil

Ao analisarmos o panorama dos anos 2000 no comércio entre Brasil e Estados Unidos, é possível perceber um período de transição na inserção do Brasil no mercado norte-americano, bem como uma mudança progressiva na relevância dos EUA para a pauta comercial brasileira. Os estudos do período mostram que, embora os EUA continuassem sendo um parceiro-chave, especialmente para produtos mais diversificados ou com maior valor agregado, a consolidação de outros mercados emergentes (principalmente a China) passou gradualmente a reduzir a participação relativa dos EUA na balança comercial do Brasil.

Figura 3.1



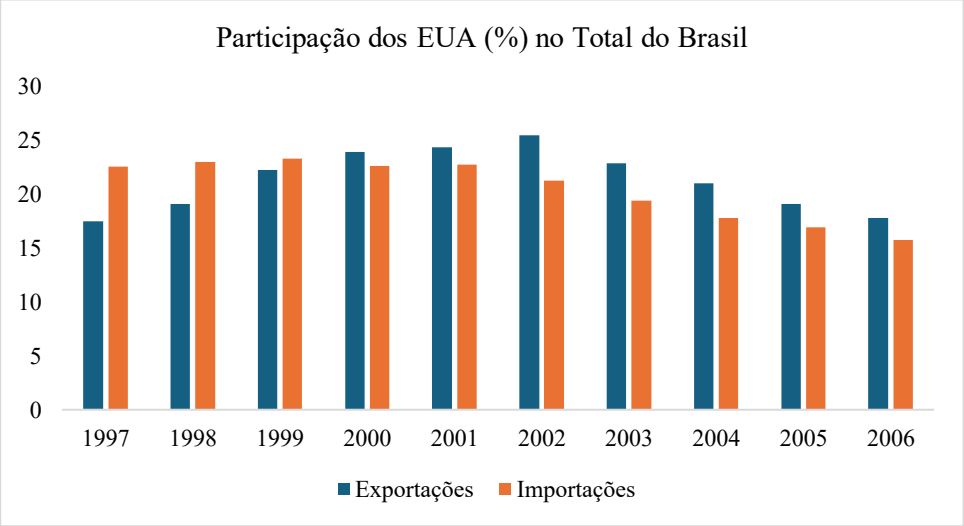
Elaboração do Autor. Fonte: Ministério da Economia

Na Figura 3.1, que apresenta a Balança Comercial Brasil–EUA (em dezenas de milhões de reais) de 1997 a 2006, visualizamos três componentes: barras que representam o saldo da balança comercial (diferença entre exportações e importações), e duas linhas – uma para Exportações (laranja) e outra para Importações (azul). Observa-se que, no fim dos anos 1990, especialmente de 1997 a 1999, o Brasil registrava saldo negativo no comércio com os EUA, o que significa que o valor das importações superava o das exportações brasileiras. Esse cenário se inverte a partir de 2000, quando o saldo comercial passa a ser gradualmente, cada vez mais superavitário.

Conforme avançamos para os primeiros anos da década de 2000, há um crescimento sustentado das exportações brasileiras (linha laranja). Vários fatores contribuíram para isso: a demanda do mercado norte-americano por produtos do agronegócio e semimanufaturados, a

melhora do ambiente macroeconômico no Brasil após a estabilização financeira, bem como uma taxa de câmbio que, em alguns momentos, tornou as exportações mais competitivas. Já as importações (linha verde) apresentaram incremento, mas em ritmo menos acelerado do que as exportações, sobretudo a partir de 2002. Com isso, as barras da balança comercial passam a ficar positivas a partir de 2002, sinalizando que o Brasil começou a registrar superávits crescentes no comércio bilateral. Em 2003 e 2004, essa tendência se intensifica, refletindo uma forte expansão dos volumes exportados. O pico de exportações (ver linha laranja na parte mais à direita) coincide com o período de valorização de algumas commodities (agrícolas e minerais), nas quais o Brasil tinha vantagem competitiva. Dessa forma, a linha azul (importações), embora em trajetória ascendente, mantinha-se num patamar inferior à linha das exportações, resultando num saldo comercial cada vez mais expressivo em favor do Brasil.

Figura 3.2



Elaboração do Autor. Fonte: Ministério da Economia

A Figura 3.2 complementa essa análise ao mostrar a participação dos EUA (% do total do Brasil) tanto nas exportações quanto nas importações, de 1997 a 2006. Nesse gráfico, cada par de colunas (azul para exportações e laranja para importações) indica, em termos percentuais, o quanto as trocas comerciais com os EUA representavam dentro do total do comércio exterior brasileiro em cada ano. É possível notar que, no início do período (entre 1997 e 1999), as participações tanto das exportações quanto das importações giravam entre 15% e 25%, com um ligeiro crescimento até 2000/2001. Porém, a partir de 2002, identifica-se um movimento de queda na fatia americana nas importações (barras laranjas) e, em menor escala, nas exportações (barras azuis). Embora o volume de trocas com os EUA ainda crescesse em termos absolutos, ele foi perdendo relevância proporcional à medida que o Brasil aumentou o comércio com outras regiões,

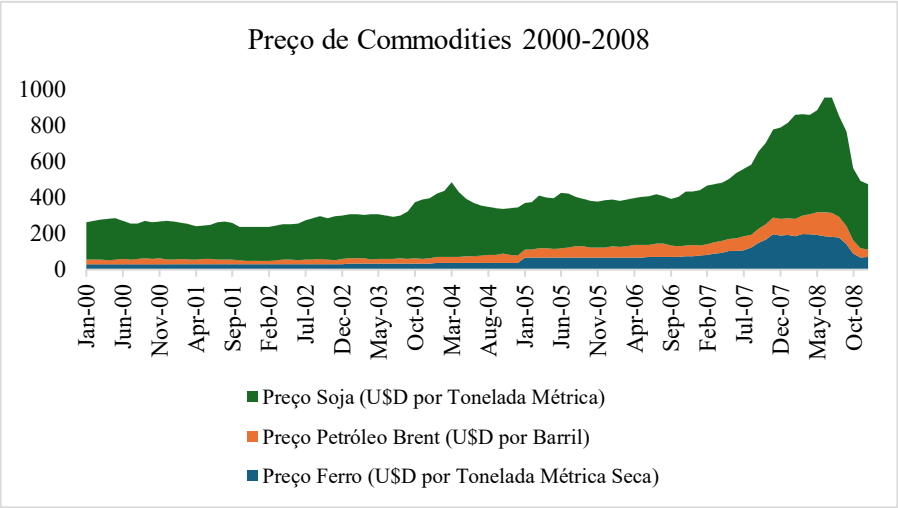
especialmente a Ásia (com destaque para a China), bem como manteve laços na América do Sul (via Mercosul) e Europa.

Esses dois gráficos, em conjunto, revelam uma dualidade do comércio Brasil–EUA no início dos anos 2000. De um lado, houve crescimento expressivo das exportações brasileiras para o mercado norte-americano, o que fez o saldo comercial se tornar favorável ao Brasil. De outro lado, mesmo com esse aumento em termos absolutos, a participação dos EUA no total do comércio exterior brasileiro passou a ceder espaço para outros parceiros comerciais naquele contexto global. Em resumo, ainda que os EUA tenham se mantido como um destino fundamental para os produtos manufaturados e semimanufaturados brasileiros, a diversificação dos mercados de destino e a intensificação da exportação de commodities para a Ásia deslocaram a fatia relativa do parceiro norte-americano, moldando o panorama do intercâmbio comercial entre Brasil e EUA ao longo dessa primeira década dos anos 2000.

5. Boom das Commodities, Crise de 2008 e Ascenção da China

O período dos anos 2000 foi marcado por um forte crescimento dos preços das commodities, amplamente conhecido como o "boom das commodities". Esse movimento ocorreu em grande parte devido à rápida expansão econômica de países emergentes, com destaque para a China, que passou a demandar crescentes quantidades de insumos agrícolas e minerais.

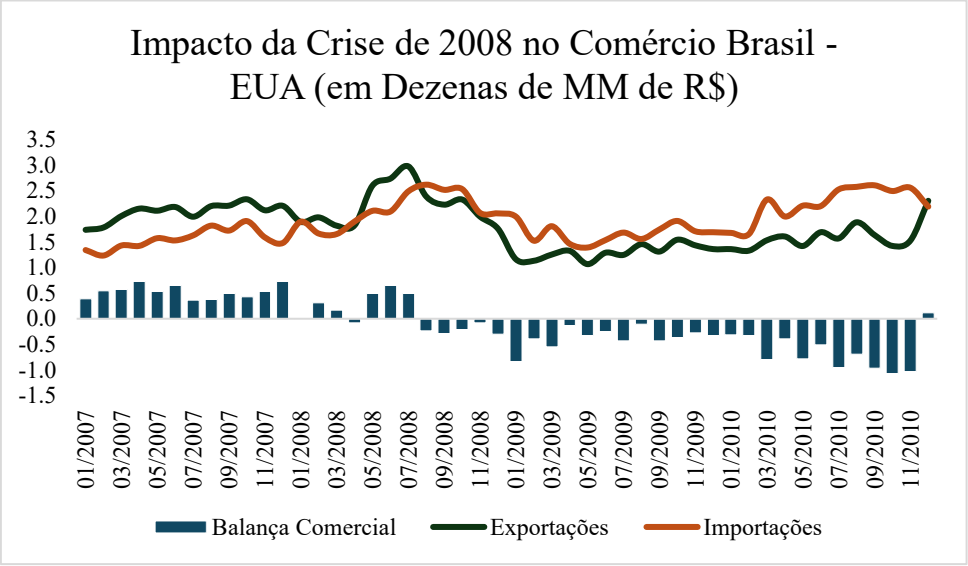
Figura 4.1



Elaboração do Autor. Fontes: World Bank, USDA Market News

A Figura 4.1 ilustra, ao longo de 2000 a 2008, a trajetória ascendente dos preços internacionais da soja, do petróleo Brent e do minério de ferro, que foram considerados na análise como proxy para indicar o preço das commodities no período. Nota-se que, a partir de 2003, os valores começam a subir de forma consistente, com uma disparada maior no ano de 2007 e 2008. Esse comportamento refletia a procura intensa por recursos naturais para sustentar a industrialização chinesa e o crescimento de outras economias asiáticas, fazendo com que as exportações brasileiras de produtos básicos se tornassem particularmente rentáveis. Entretanto, o quadro de alta volatilidade tornou-se evidente quando, já no último trimestre de 2008, a crise financeira mundial derrubou repentinamente essas cotações, comprometendo a receita de muitos países exportadores, incluindo o Brasil.

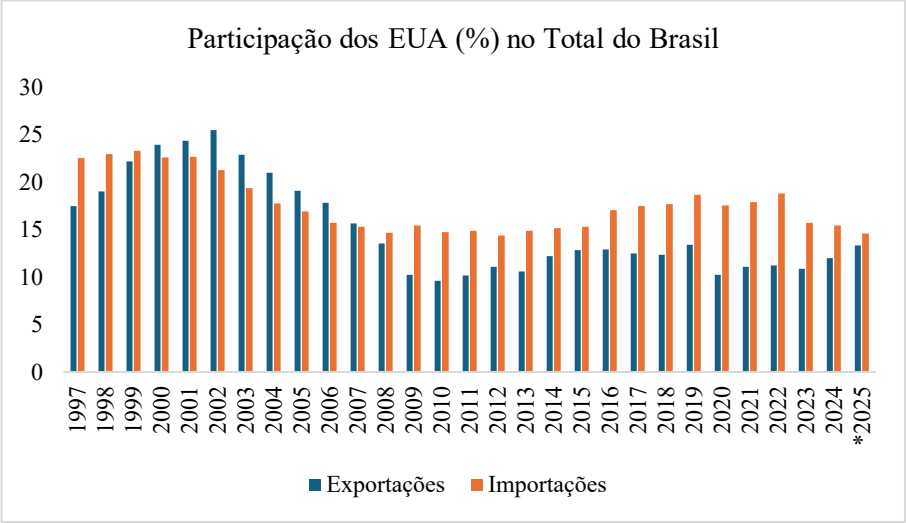
Figura 4.2



Elaboração do Autor. Fonte: Ministério da Economia

No contexto específico das relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos, a Figura 4.2 mostra o impacto dessa crise no período de 2007 a 2010. Em 2007, o Brasil desfrutava de um superávit comercial, sustentado por exportações ainda fortalecidas pelos preços elevados de suas principais commodities. Em 2008, a instabilidade financeira crescente começou a se refletir num saldo comercial menor, embora as exportações ainda se mantivessem em nível considerável. A partir de 2009, contudo, registra-se uma reversão mais clara: as exportações brasileiras recuam, enquanto as importações se mantêm relativamente elevadas, resultando em déficits comerciais em 2009 e 2010. Esse desequilíbrio indica como a crise abalou tanto a demanda internacional quanto a confiança no comércio exterior, levando a uma redução significativa das encomendas do mercado norte-americano em determinados segmentos, sobretudo no industrial.

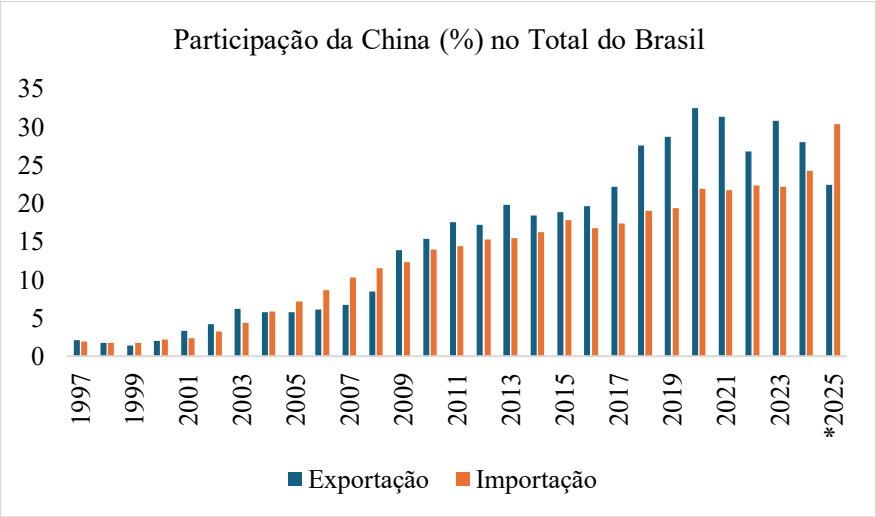
Figura 4.3



Elaboração do Autor. Fonte: Ministério da Economia

A queda proporcional da participação dos Estados Unidos no comércio total do Brasil, analisada de forma mais ampla, fica visível na Figura 4.3. Ao longo dos primeiros anos dos anos 2000, os EUA ainda respondiam por cerca de 20% ou mais das exportações brasileiras. Porém, essa participação começa a declinar de maneira gradativa, intensificando-se justamente após 2005 e 2006. Apesar de haver recuperações parciais em certos momentos, principalmente a partir de 2011 e 2012, os valores raramente retornam ao patamar observado no início da década, evidenciando que o comércio com outros parceiros se expandiu em ritmo mais acelerado que o intercâmbio com o mercado norte-americano. Entre esses parceiros, a China destaca-se como fator determinante para a reconfiguração da geografia das exportações brasileiras.

Figura 4.4



Elaboração do Autor. Fonte: Ministério da Economia

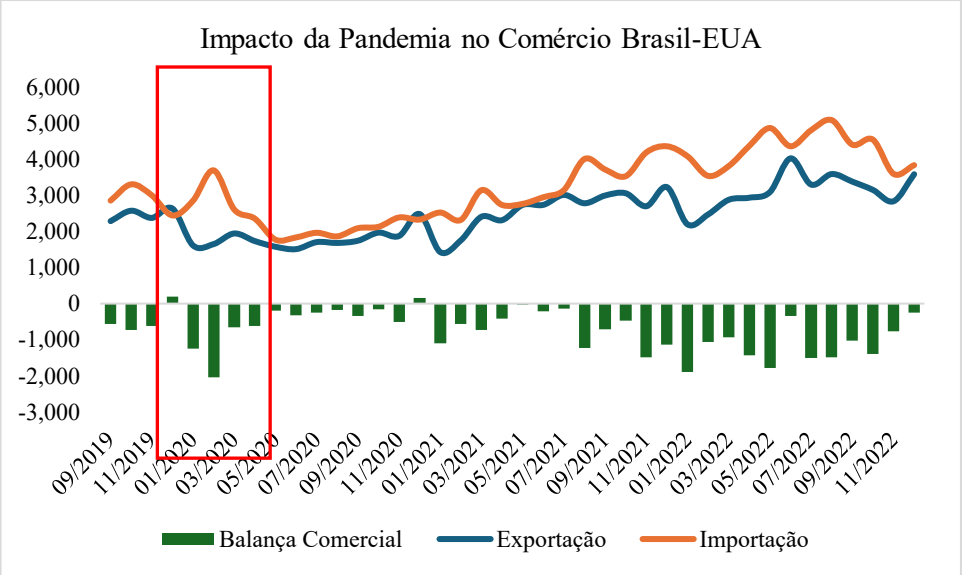
A Figura 4.4 deixa clara a ascensão vertiginosa do peso chinês no fluxo comercial do Brasil. Ainda quase irrelevante no fim dos anos 1990, a China passa a mostrar avanços expressivos já depois de 2002 e 2003, chegando a superar a marca de 10% do total das exportações brasileiras por volta de 2005–2006. Nos anos subsequentes, esse percentual se torna cada vez maior, de modo que, em cerca de uma década, o mercado chinês se consolida como principal comprador de commodities brasileiras, em especial soja, petróleo e minério de ferro. A participação relativa da China continua a crescer até chegar a níveis acima de 20% em meados da década de 2010, e, conforme projeções até 2025, permanece em destaque para ambas as vias do comércio (exportações e importações), embora com potenciais variações ligadas às tensões comerciais ou a eventuais desacelerações econômicas.

Desse modo, o boom das commodities beneficiou fortemente o Brasil ao elevar a renda das exportações de produtos primários, mas deixou o país mais sujeito às oscilações internacionais de preços e à demanda de grandes compradores, notadamente a China. A crise financeira de 2008 expôs essa vulnerabilidade, refletindo-se em queda das exportações brasileiras para os Estados Unidos e numa momentânea deterioração dos saldos comerciais. Paralelamente, a ascensão chinesa ao posto de principal parceiro comercial brasileiro, especialmente no âmbito de produtos agrícolas e minerais, consolidou uma mudança estrutural na pauta de comércio exterior do Brasil, deslocando parte da atenção e dependência que antes se concentrava no mercado norte-americano.

6. Os Efeitos e Impactos da Pandemia de Covid-19 no Comércio EUA-Brasil

A pandemia de Covid-19, declarada oficialmente em março de 2020, desencadeou um choque econômico global que afetou cadeias produtivas, fluxos logísticos e padrões de consumo em quase todos os mercados. No caso do comércio entre Brasil e Estados Unidos, os primeiros meses da crise foram marcados por forte instabilidade, dada a adoção de quarentenas e restrições de circulação que frearam a demanda em setores-chave, como o automotivo e o aeronáutico, além de interromperem o funcionamento normal de muitos elos das cadeias globais de valor.

Figura 5.1



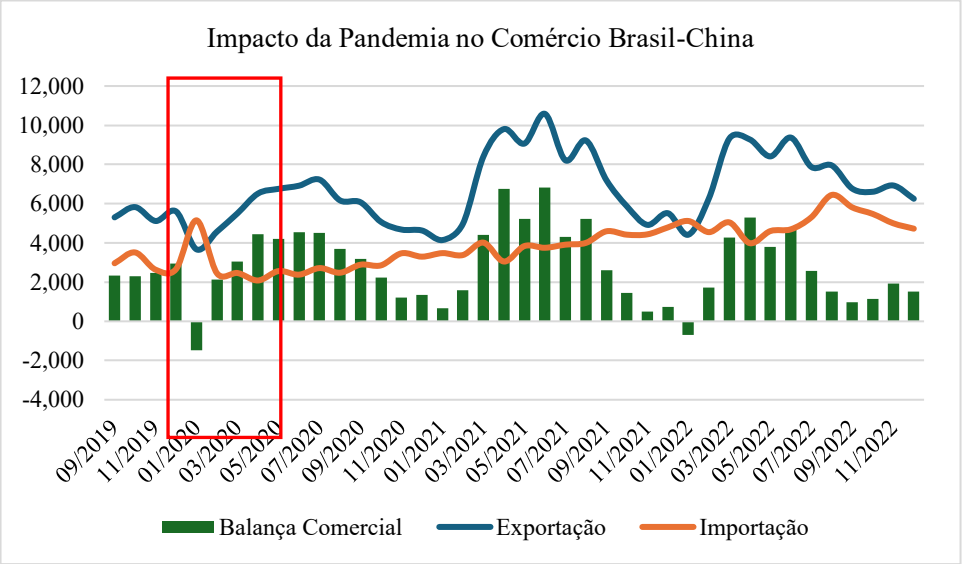
Elaboração do Autor. Fonte: Ministério da Economia

A Figura 5.1, que mostra a evolução mensal das exportações, importações e do saldo comercial Brasil–EUA de setembro de 2019 a novembro de 2022, evidencia esse movimento. Observa-se que, no início de 2020, a curva de exportações (linha azul) sofre uma queda significativa, ao passo que as importações (linha laranja) se mantêm em nível relativamente elevado, agravando o déficit comercial (barras verdes negativas). Esse quadro reflete tanto a súbita retração de encomendas de produtos brasileiros de maior valor agregado (fortemente impactados pela queda na demanda norte-americana) quanto a manutenção das importações de insumos e bens de capital, ainda necessários à atividade produtiva interna.

Ao longo do segundo semestre de 2020 e no início de 2021, percebem-se oscilações na balança comercial, acompanhadas por uma recuperação paulatina das exportações, à medida que a economia dos EUA retomava o crescimento com o auxílio de pacotes de estímulo. Alguns setores brasileiros, como o agronegócio, mantiveram desempenho razoável, enquanto bens

industriais enfrentaram maior dificuldade em recuperar mercado no exterior. Ainda assim, as importações seguiam em ritmo considerável, sobretudo em setores ligados a máquinas, equipamentos e produtos químicos, resultando em sucessivos saldos negativos. Em meados de 2022, nota-se certo equilíbrio entre as linhas de exportação e importação, mas a balança comercial permanece majoritariamente deficitária para o Brasil.

Figura 5.2



Elaboração do Autor. Fonte: Ministério da Economia

Para efeito de comparação, a Figura 5.2 mostra o comportamento do comércio Brasil–China no mesmo intervalo. Diferentemente do que se viu com os EUA, as exportações brasileiras para a China (linha azul) se mantiveram, de modo geral, em nível mais alto, graças à forte demanda do país asiático por produtos agrícolas e minerais. Durante vários meses de 2020 e 2021, o saldo comercial com a China (barras verdes) foi amplamente positivo, visto que a China retomou suas atividades industriais de maneira relativamente célere após o choque inicial da pandemia e seguiu importando grandes quantidades de soja, petróleo e minério de ferro. Contudo, mesmo nesse contexto, as importações brasileiras de produtos chineses mostraram tendência de alta ao longo de 2021 e 2022, refletindo a dependência de insumos tecnológicos e manufaturados vindos da Ásia.

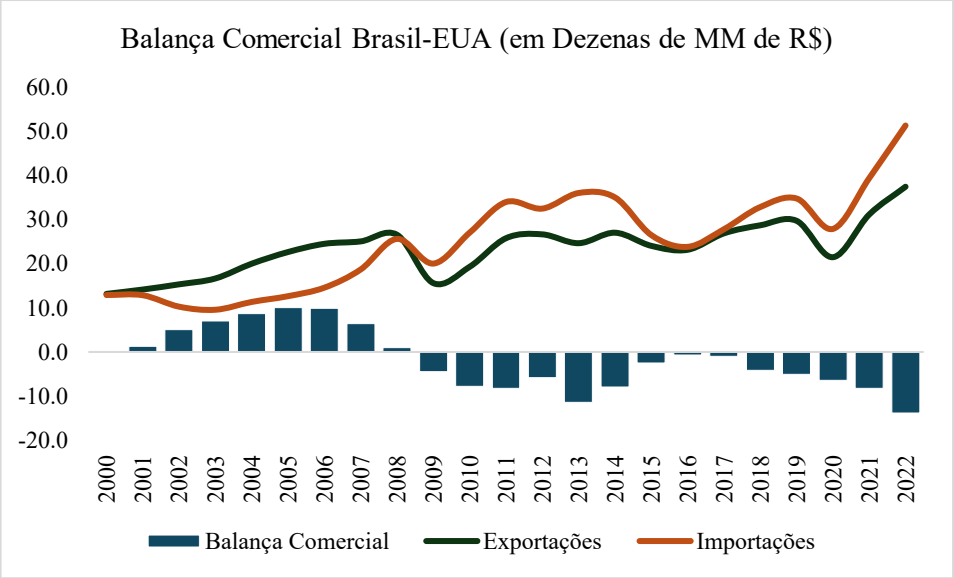
Comparando-se as duas figuras, percebe-se que a pandemia intensificou certas dinâmicas estruturais: no caso dos EUA, o comércio com o Brasil, embora relevante, foi mais sensível às oscilações dos setores industriais de maior valor agregado, que sofreram diretamente com o fechamento de fábricas e a queda na demanda global. Já no caso chinês, mesmo com interrupções iniciais, a rápida recuperação e a continuidade da demanda por commodities asseguraram ao Brasil saldos comerciais positivos em boa parte do período. Em suma, a pandemia de Covid-19

acentuou características pré-existentes dos padrões de comércio exterior brasileiro, reforçando a importância das exportações de bens básicos para a China e evidenciando vulnerabilidades na relação com os Estados Unidos em segmentos industriais e de maior sofisticação tecnológica.

7. Conclusão

A análise do comércio bilateral Brasil–EUA ao longo dos últimos vinte anos permite concluir que, embora os Estados Unidos continuem sendo um parceiro comercial relevante, sua participação relativa vem sofrendo uma queda sistemática, especialmente em comparação com a ascensão da China. O Brasil mostrou-se fortemente influenciado pelos ciclos globais de demanda por commodities, pela crise financeira de 2008 e pelos abalos provocados pela pandemia de Covid-19; tais fatores, conjugados a mudanças estruturais na economia internacional, afetaram tanto o volume quanto a composição de suas trocas externas.

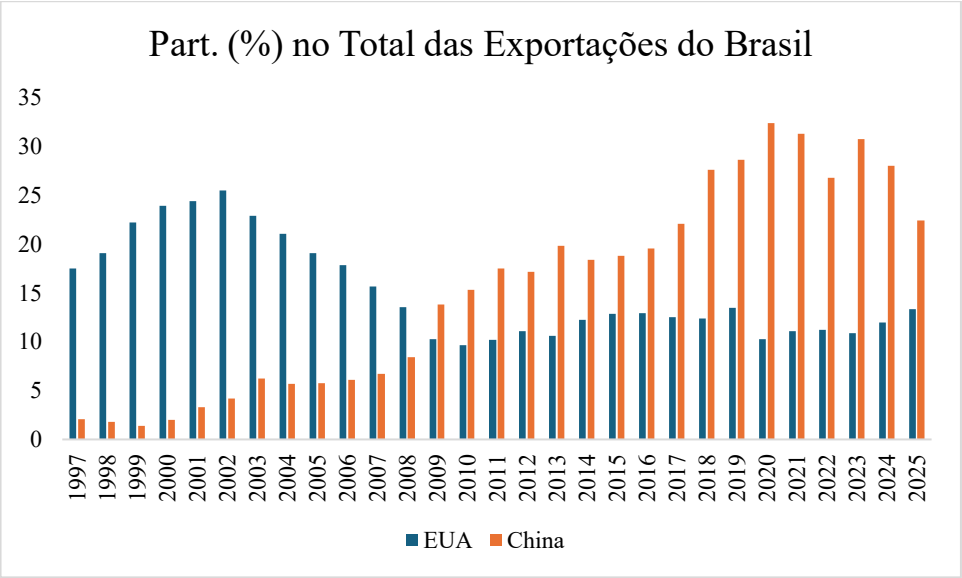
Figura 6.1



Elaboração do Autor. Fonte: Ministério da Economia

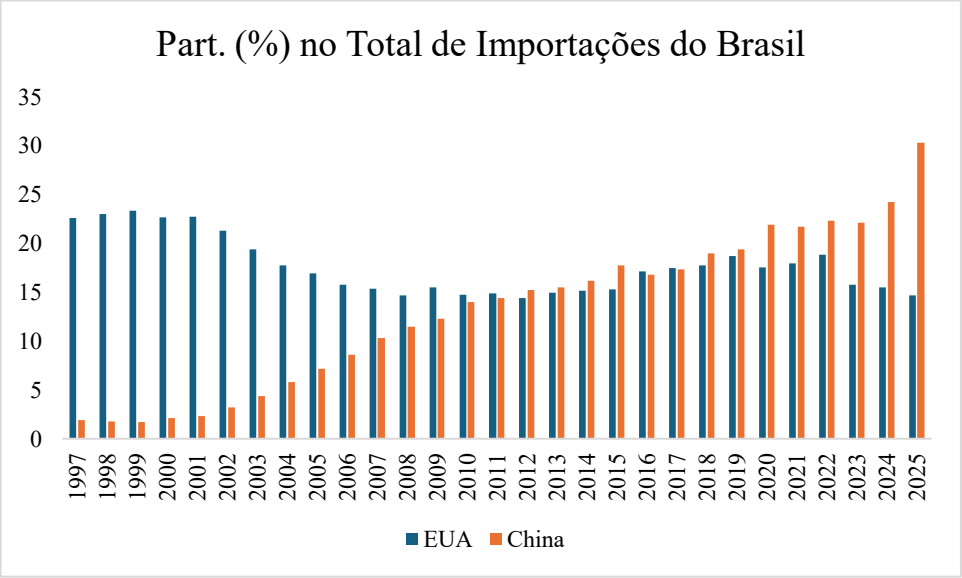
Na Figura 6.1, que apresenta a balança comercial do Brasil com os EUA de 2000 a 2022, é possível verificar uma virada na tendência a partir do início dos anos 2010. Até então, mesmo com oscilações, o Brasil registrava saldos comerciais variavelmente positivos ou próximos do equilíbrio. Porém, especialmente após 2009, observa-se uma sequência de déficits que se aprofunda ao longo da segunda metade da década seguinte e começo dos anos 2020. Essa deterioração reflete, em boa medida, a perda de competitividade de alguns setores industriais brasileiros diante do mercado norte-americano, bem como a priorização de exportações de commodities para a China. A crise de 2008 e, em seguida, a pandemia de Covid-19 evidenciaram vulnerabilidades setoriais e logísticas, resultando em flutuações mais acentuadas nas linhas de exportação e importação.

Figura 6.2



Elaboração do Autor. Fonte: Ministério da Economia

Figura 6.3



Elaboração do Autor. Fonte: Ministério da Economia

As Figuras 6.2 e 6.3, que mostram a participação percentual dos EUA e da China no total das exportações e importações brasileiras, ratificam esse deslocamento da relevância comercial. Na Figura 6.2, acerca da participação nas exportações, nota-se que os Estados Unidos, após alcançar patamares de mais de 20% no início dos anos 2000, experimentaram uma queda

contínua, enquanto a China gradualmente ampliou sua fatia até atingir, em muitos momentos, valores superiores a 30%. Já no que tange às importações (Figura 6.3), a trajetória também indica uma recuperação tímida dos EUA e uma forte expansão da participação chinesa, que ganha destaque nos últimos anos, respondendo por uma parcela crescente das compras brasileiras de bens tecnológicos, máquinas e equipamentos.

O conjunto de evidências confirma a hipótese de que o padrão de especialização brasileira, ancorado em grande medida na exportação de produtos primários, fez com que a China se tornasse o principal motor do comércio exterior do país. Enquanto isso, os EUA, que demandam mais bens de maior valor agregado e enfrentam concorrência com fornecedores de diferentes regiões, deixaram de ocupar a posição de maior parceiro comercial do Brasil, ainda que sigam exercendo um papel significativo em setores específicos. Ademais, a crise de 2008 e a pandemia reforçaram a dependência brasileira de mercados dinâmicos como o asiático e impuseram desafios adicionais às relações bilaterais com os Estados Unidos, sobretudo em segmentos industriais mais suscetíveis às oscilações do mercado global.

Diante desse panorama, algumas recomendações práticas poderiam ser adotadas para reequilibrar a inserção do Brasil no comércio internacional, especialmente com foco no mercado norte-americano:

- Diversificar a pauta exportadora, com estímulo a setores que produzam bens de média e alta tecnologia, ampliando o portfólio de produtos enviados aos Estados Unidos;
- Fortalecer políticas industriais que incentivem inovação, produtividade e exportações, com apoio a empresas exportadoras brasileiras para que ganhem escala e competitividade em mercados exigentes;
- Aprofundar relações comerciais e diplomáticas com os EUA, por meio de acordos bilaterais, facilitação de comércio e cooperação técnica em áreas estratégicas como biotecnologia, energia renovável e economia digital;
- Reduzir a vulnerabilidade da balança comercial brasileira à volatilidade dos preços de commodities, por meio de uma política comercial mais ativa e de longo prazo.

Em síntese, o período analisado evidencia que o comércio bilateral Brasil–EUA atravessou oscilações conjunturais e estruturais, sendo impactado por eventos externos e pela reorganização das cadeias globais de valor. A ascensão da China como principal destino das exportações nacionais deslocou parte da relevância outrora atribuída aos Estados Unidos, o que pode se traduzir em oportunidades e riscos para a economia brasileira. Por um lado, a diversificação de parceiros contribui para amortecer choques econômicos; por outro, a concentração em commodities e a redução da competitividade em manufaturas podem restringir

o crescimento de longo prazo. Assim, a consolidação de uma estratégia de política comercial equilibrada e de uma política industrial mais robusta faz-se essencial para que o Brasil possa manter relações comerciais mutuamente benéficas com os EUA, sem abrir mão de aproveitar as oportunidades do mercado chinês e de outros importantes parceiros.

8. Bibliografia

- OLIVEIRA, Samuel Santos de; HERMIDA, Camila do Carmo. **Brasil e Estados Unidos: Uma análise do comércio internacional e bilateral no período 2005-2016**. *Diversitas Journal*, Santana do Ipanema, AL, v. 6, n. 1, p. 1092-1113, jan./mar. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v6i1-1505. Acesso em: 22 set. 2024.
- MOISÉS, Marina Mariana. **Análise sobre o padrão de comércio bilateral Brasil-EUA 2010 a 2023**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41669. Acesso em: 22 set. 2024.
- RODRIGUES, Julia Barros Giovanni. **Comércio bilateral do Brasil e Estados Unidos entre 1997 e 2019**. Brasília: Ministério da Economia, 2019. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/33956/Julia%20Barros%20Giovanini%20Rodrigues%20%282020%29%20Uma%20an%C3%A1lise%20da%20redu%C3%A7%C3%A3o%20relativa%20do%20com%C3%A9rcio%20bilateral....pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 22 set. 2024.
- MOURA, Eduardo; SOUZA, Carolina. **As relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos no período 2000-2014**. *Revista Brasileira de Comércio Exterior*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 45-67, 2015. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9343. Acesso em: 22 set. 2024.
- MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Balança Comercial Brasileira**. Disponível em: https://balanca.economia.gov.br/balanca/publicacoes_dados_consolidados/pg.html#pa%C3%ADses. Acesso em: 22 mar. 2025.
- INDEX MUNDI. **Index Mundi: Preços de Mercado**. Disponível em: https://www.indexmundi.com/pt/pre%C3%A7os-de-mercado/. Acesso em: 22 mar. 2025.